

## RECENSÃO DE LIVROS

---

*Sempre que houver livros para  
recensão, as recensões cá estarão.  
Com destaque para as  
NOVIDADES na área da Teologia,  
da Hermenêutica Bíblica e da  
Eclesiologia. Atenção, Editoras!  
Envie pelo menos 1 exemplar ao  
cuidado de*

**Padre Mário/Jornal Fraternizar**

**Rua Alto da Paixão 298, 4615-413  
MACIEIRA DA LIXA**

---

### **Edição 94, Janeiro 2014**

*José M.<sup>a</sup> Castillo / Desclée de  
Brouwer*

## **Teologia Popular, I, II, III**

**A boa notícia de Jesus (I)**

**O reinado de Deus (II)**

**O final de Jesus e o nosso  
futuro (III)**

São três pequenos volumes, duma assentada. Que o teólogo José M. Castillo trabalha/escreve sempre, sem ter em conta os anos de vida na história que já soma. Os três, têm em comum, o título, TEOLOGIA POPULAR, seguido de um numeral romano, respectivamente, I, II, III. Para lá deste pormenor, há outro, um subtítulo, em cada um dos volumes, que é, esse sim, bem mais indicador do que trata cada um deles. Eis cada um dos três subtítulos: A boa notícia de Jesus (I), O reinado de Deus (II), O final de Jesus e o nosso futuro (III). Os três volumes, todos igualmente dedicados à Companhia de Jesus, têm, segundo esclarecimento do próprio Autor, “as suas origens na Teologia popular, impressa a stencil – o usual nos anos 70 do século passado – que então se difundiu por bairros e aldeias, com notável aceitação entre grupos e pessoas de boa vontade, que procuravam o bem”. É, pois, este tipo de

Teologia popular, devidamente actualizada pelo Autor, que nos é aqui agora disponibilizada, nestes três volumes, graças à Editorial Desclée de Brouwer.

O Autor prima por centrar toda a sua Teologia na pessoa de Jesus e no Deus de Jesus. E faz bem. E tanto melhor, quanto mais teólogo jesuânico for. Porque quando dizemos Teologia, dizemos reflexão, discurso, comunicação sobre Deus. E aqui reside o perigo. É que o conceito “Deus” não tem, como se sabe, mas nunca ou quase nunca se assume, na vida real, um sentido unívoco. Embora seja um conceito transversal a todos os povos e a todas as culturas, em si mesmo, não significa nada. É um puro conceito. Para cúmulo, invariavelmente relacionado com o Religioso, a Religião. E aqui reside o problema da Teologia, também, da Teologia Popular, destes três volumes. Porque o Deus de Jesus, ao contrário de todos os deuses e deusas de antes e depois de Jesus, não gosta de religião. Não é religioso. Tão pouco é cristão. Gosta de Política praticada pelos seres humanos e por todos os povos da terra. Não gosta de Poder, nem sequer do Poder religioso/eclesiástico e do Poder político, assassinos da Política praticada que, como diz a própria etimologia da palavra, Política, é a Arte de Cuidarmos da cidade, da sociedade, do nosso global viver na história, e do próprio planeta Terra, minúscula parte do Universo ainda em expansão. Só a Política praticada, não a Religião, é o grande imperativo ético que vem inscrito no ADN de cada ser humano que vem a este mundo, do qual nenhum de nós pode demitir-se, sob pena, se o fizermos, de renunciarmos a ser seres humanos criadores e livres, sororais e maiêuticos, sempre a crescer de dentro para fora e a fazermo-nos crescer de dentro para fora uns aos outros. E, porque não somos-fazemos assim, acabarmos todos reduzidos a uns abortos de ser humano, na condição de servos/súbditos, a maioria, ou na condição de Poder/algozes dos demais, uma minoria cada vez mais diminuta e sem rosto.

Jesus, o filho de Maria, faz a diferença substantiva na História da humanidade,

concretamente, na Antropologia e na Teologia, porque chega a dar-se conta de que a Deus, nunca ninguém o viu. Consequentemente, ninguém o conhece. Pelo que todo o discurso sobre Deus – toda a Teologia – corre o risco de andar infectada de idolatria, já que remete para um Deus que se conhece e sobre o qual muito se tem escrito. Mas um Deus que se conhece, é um Deus que se vê. E o Deus que se vê só pode ser uma criação/projecção dos seres humanos, graças ao qual tudo o que, depois, fazemos e dizemos, está justificado, inclusive, os actos mais objectivamente horrendos.

Nunca antes de Jesus, nem depois dele, alguém mais, se atreve a dizer/proclamar/advertir, Cuidado!, que a Deus, nunca ninguém o viu. Porque, se o disser e for consequente com esse seu dizer, retira, de imediato, toda a base ideológica e teológica em que assenta este tipo de mundo e de civilização onde nascemos, crescemos e morremos, e que tem um Deus que se vê, por base e justificação, por isso, institucionalmente inquestionável. Quando muito, apenas admite ser reformado, mas para que tudo continue na mesma e sem grandes sobressaltos. O próprio ateísmo que, outrora, no tempo do Poder religioso global, foi considerado politicamente subversivo, é hoje tolerado e, até, coisa chique, porque tem subjacente a ele a negação de um Deus que se vê, concretamente, o da Religião e das igrejas cristãs, mas não tem, não pode ter subjacente a ele, aquele Deus, o de Jesus, que nunca ninguém viu. Basta vermos como quase todos os que, hoje, se dizem ateus, capricham em ser os grandes servidores do Dinheiro, do Poder financeiro. Não são verdadeiros ateus. São, isso sim, idólatras compulsivos, já que adoradores do onnipotente, onnisciente, omnipresente Deus Dinheiro, intrinsecamente cruel e sádico!

O Autor apresenta-se-nos, nestes três volumes, muito crítico da Religião, do factor Religioso. Chega a escrever, na Apresentação do Volume I: “O que este livro nos vem dizer é que o cristianismo, a Igreja, a religião, têm que se humanizar,

têm que ser mais humanos, mais próximos a todo o ser humano, mais identificados com tudo o que é verdadeiramente humano.” Só que, perante este bellissimo falar teológico, levanta-se, incontornável, a pergunta: Mas então, J. M.<sup>a</sup> Castillo, porque fazemo-nos cristãos, se, afinal, só o Humano é o nosso ADN, não o cristão, metido, por isso, de fora para dentro e sempre à força, muitas vezes, até com recurso à violência armada, estilo, ou aceitas ser baptizado e fazes-te cristão, ou morres?! Não é assim toda a história do cristianismo, o católico romano e o protestante, na multiplicidade das suas igrejas, todas organizadas ao modo de empresas de religião? E todas, bastante lucrativas, pelo menos, para os respectivos hierarcas, párocos, pastores, missionários? E quantos deles estão dispostos a ser, terceiro milénio adiante, outros, Jesus, a plenitude da Fragilidade Humana maiêutica, desarmada e crucificada? Quantos?

Por isso, a grande pergunta que fica, depois de lermos estes três volumes: Renovar a igreja-religião, ou fazê-la desaparecer, para, em seu lugar, ficar apenas a Humanidade dinamizada de dentro para fora, pela mesma Ruah de Jesus, que nunca ninguém vê, e a sua mesma Fé política, não religiosa? Deste modo, veremos apenas a Humanidade que somos, todos, sem nenhuma espécie de discriminação entre nós, e não vemos nunca Deus Abba-Mãe, o de Jesus, que nos habita a todos e cada qual, mais íntimo a nós que nós próprios! É para aqui que nos anda a querer conduzir a mesma Ruah de Jesus, a porta, o caminho, a verdade, a vida. Resistir-lhe, é o grande pecado do mundo (cf. Pe. Mário de Oliveira, *JESUS SEGUNDO JOÃO, o 4.º Evangelho traduzido e anotado como nunca o conhecemos*, Seda Publicações, 1.<sup>a</sup> edição, Outubro 2013, 2.<sup>a</sup> edição, Janeiro 2014). Ousemos seguir e prosseguir Jesus, agora, terceiro milénio adiante! ([www.edeslee.com](http://www.edeslee.com); [info@ecleslee.com](mailto:info@ecleslee.com)).

---

*Juan José Tamayo / Fragmenta*

## **50 intelectuais para uma consciência crítica**

Em boa hora, o conhecido e prestigiado teólogo Juan José Tamayo – acaba de ser galardoado, estes dias, com a medalha de ouro dos direitos humanos, atribuído anualmente pela respectiva Liga espanhola – decidiu meter mãos a um trabalho de tamanha importância como é este seu novo Livro. Quando rareiam cada vez mais entre nós os intelectuais dignos deste nome, orgânica e maieuticamente religados às populações sem voz nem vez, de tão oprimidas e empobrecidas, um Livro como este (519 páginas) é uma estrela que nos ilumina e aquece a mente e a consciência. E a garantia de que o nosso Hoje, apesar da existência de milhões de pobres e de pobreza em massa, cientificamente programados e produzidos, nem assim deixa de ser um mundo, onde a Esperança que nos levanta e põe a caminho, continua a encontrar lugar e a ter sentido. Nem que seja como a última utopia política, esse não-lugar que teima em fazer-se carne, fragilidade humana, e erguer a sua tenda entre nós, como paradigmaticamente aconteceu, 5 ou 6 anos antes desta nossa era comum, em Jesus de Nazaré, o de antes do cristianismo, a Luz do Mundo que os intelectuais não-orgânicos e amantes do Poder e do Dinheiro, odiaram e mataram, para que nunca mais alguém o tomasse a sério e o prosseguisse. Procederam e procedem assim, porque são más, perversas, todas as suas obras.

Neste Livro, são destacados 50 intelectuais, certamente, aqueles, elas e eles, mais eles que elas, que mais terão, de um modo ou de outro, tocado e impressionado o Autor. Entre os escolhidos, figuram dois portugueses, Boaventura de Sousa Santos e José Saramago. São bem mais, os intelectuais do Estado espanhol, compreensivelmente, aqueles que mais podem ter marcado positivamente o viver do Autor, como são os casos de José María Díez-Alegría (1911-2010), Enrique Miret Magdalena (1914-2009), José María González Ruiz (1917-2005),

Casiano Floristán (1926-2006), Pere Casaldàliga, hoje bispo emérito de Prelazia de S. Félix do Araguaia, Brasil, Ignacio Ellacuría (1930-1989), mártir de El Salvador, Jon Sobrino, e outros mais. Entre as várias mulheres intelectuais que figuram neste Livro, sobressaem nomes como Elsa Tamez, teóloga latino-americana feminista da libertação, Dorothee Solle (1929-2003), Simone de Beauvoir (1906-1986), Elisabeth Schusser Fiorenza, apresentada aqui como “Hermeneuta feminista da suspeita”.

Ao todo, 50 intelectuais, de reconhecido mérito, parte dos quais já falecidos, uma outra parte ainda visivelmente entre nós e activos, com destaque para o poeta dos poetas latino-americanos, Ernesto Cardenal, da Nicarágua. “Os intelectuais – escreve o Autor na Introdução, a pensar, certamente, nos 50 que aqui nos apresenta neste seu valiosíssimo e oportuníssimo trabalho – não se instalam comodamente na realidade, nem se contentam com a realidade tal como ela é. Perguntam-se como deve ser (momento ético) e procuram a sua transformação (momento da praxis). Desestabilizam a ordem estabelecida, despertam as consciências adormecidas e revolucionam as mentes instaladas.”

O Livro abre com o intelectual Ernst Bloch (1885-1977), o grande filósofo alemão marxista ateu da Esperança. O seu livro, “O Princípio esperança” é, porventura, o mais conseguido Evangelho do ateísmo, ao qual não é estranho o Evangelho de Jesus de Nazaré. E o seu ateísmo, tão prenhe de Esperança, só o será, porque, para desgraça da humanidade, até os grandes intelectuais ocidentais do passado recente e da actualidade, sempre têm vivido sem acesso directo a Jesus, o da história. Confundem-no com o Jesuscristo de Paulo e do Evangelho de Paulo, causa e fonte de ateísmo, como causa e fonte de religião cristã, sem dúvida, as duas faces da mesma medalha. Neste particular, de todos os 50 intelectuais apresentados neste Livro, sobressai a lúcida visão jesuânica do jesuíta que deixou o conforto do convento e optou pelos pobres e se fez pobre

entre eles e com eles, o teólogo Díez-Alegría. “Quando completou 97 anos – escreve, emocionado, o Autor e amigo – fez estas declarações verdadeiramente estremecedoras: «Penso que a Igreja católica, no seu conjunto, traiu Jesus. Esta Igreja não é a que Jesus quis, mas a que os poderosos, ao longo da história, quiseram. Estas são as ideias que agora tenho, surdo e meio cego, à espera da morte com muita esperança e com muito humor.»”

A verdade é que nem o famoso e controverso teólogo Hans Kung, outro dos grandes nomes que integram este Livro, foi tão longe, em lucidez teológica, até agora. E oxalá ainda vá. Porque, enquanto não resgatarmos Jesus de Nazaré do cristianismo e das igrejas cristãs, e continuarmos a confundi-lo com o Cristo de Paulo e do seu mítico Evangelho, a humanidade continuará mergulhada na mais densa Treva, porque privada da Luz do mundo, que é Jesus, o de antes do cristianismo. Jesus e o seu Projecto político maiêutico de sociedade.

Parabéns ao teólogo, Juan José Tamayo, por mais esta oportuníssima e valiosíssima obra com que acaba de nos brindar. E parabéns a Fragmenta Editorial por a ter feito sua, e divulgá-la. Se ainda não sabiam da existência deste Livro, corram por ele: [www.fragmenta.es](http://www.fragmenta.es) e [fragmenta@fragmenta.es](mailto:fragmenta@fragmenta.es)

*N. E. Sobre este livro, o Autor deu uma entrevista que muito importa visionar-escutar Uns preciosos 18m. Eis o link: <http://www.rtve.es/alacarta/videos/para-todos-la-2/para-todos-2-entrevista-juan-jose-tamayo-sobre-conciencia-critica-del-intelectual/2294047/?modl=TOC>*

---

*Latino-americana mundial  
2014*

**Liberdade,  
Liberdade!**

“Em nome da Liberdade. Em nome da Libertação.” As maiúsculas deste título com que deparamos, logo ao abrir a Agenda Latino-americana Mundial 2014, justifica-se, porque, hoje, as palavras comuns, como “liberdade”, por exemplo,

já estão mais do que “comidas” pelo grande Mercado global. E a confirmação deste facto vem logo a abrir o texto encimado por este título e que é o primeiro Texto que a Agenda 2014 nos dá a ler: “A liberdade é um dos valores mais reivindicados do nosso tempo. Por isso mesmo, o mais desgastado. Confundido com a afirmação egoísta de um desejo alheio aos outros, não raro ela se contrapõe ao valor urgente da solidariedade e da responsabilidade. Chegou-se ao absurdo: uma grande loja de departamentos brasileira ergueu uma cópia da famosa estátua da liberdade norte-americana em frente às 60 lojas da sua rede espalhadas pelo país. Numa delas, em Santa Catarina (considerada – pasmem! – o maior monumento da América Latina, maior até que o Cristo Redentor!), pode-se ler na placa inaugural: trata-se de uma homenagem da loja à liberdade de consumo de seus clientes. Nada mais aniquilador e redutível: o sistema capitalista ergue seus troféus ao lucro e ao consumo desmedido, sequestrando valores sagrados da cultura e anulando seus verdadeiros significados.”

Eis! Perante isto, o que vale verdadeiramente o título de capa da Agenda 2014, “LIBERDADE, LIBERDADE!”?! Por melhor que seja a intenção dos organizadores desta Agenda, hoje, mundial, porque traduzida em muitas línguas, também no português do Brasil, da responsabilidade da Comissão Dominicana de Justiça e Paz do Brasil, aquele título corre o risco de ser um grito que já não chega sequer a sair das gargantas dos povos empobrecidos do mundo, hoje, a esmagadora maioria da população mundial, eles próprios, reféns do consumismo e do egoísmo, e sem a mais mínima capacidade para se levantarem e andarem pelo seu próprio pé. Por mais que gritemos a cada um, Levanta-te e anda! Simplesmente, jazer!

Na sua habitual mensagem, “À maneira de introdução fraterna”, assinada pelo bispo emérito Pedro Casaldáliga, em cada edição da Agenda, é retomado o título da capa. O Bispo tenta justificá-lo. Mas a verdade é que nem ele, com todo

o seu viver de mártir e de Poema vivo, consegue beliscar o grande Mercado global. A Liberdade de que ele se reivindica e que a Agenda também, é, ela própria, uma Liberdade condicionada e vigiada pelo grande Mercado global. Chama-lhe o Bispo-Poeta, com recurso a um Poema de Mercedes Sosa, “uma coisa pequenina”. Como a semente. Como o grão de trigo. Mas isto significa, à luz de Jesus, o do Evangelho de João, que a Liberdade, neste tipo de mundo em que vivemos, só mesmo crucificada e assassinada, é que frutifica na história, cuja condução está hoje totalmente entregue ao Poder financeiro global, o único dono e senhor do mundo, o único deus que as populações reconhecem, adoram/idolatravam, e que atravessa o próprio cristianismo e todas as igrejas cristãs que o pariram. Isto, obviamente, já o não diz a Latino-americana mundial 2014. E deveria dizer. Porque se continuamos a confundir o Cristo do cristianismo com Jesus, só contribuimos mais e mais para o genocídio global e para o ecocídio planetário, ou mesmo cósmico. Já que na génese do grande Mercado e do seu pai, o Poder financeiro global, está o cristianismo, fundado e desenvolvido após a morte crucificada de Jesus, pelos mesmos que haviam constituído o grupo dos “Doze”. Em lugar de prosseguirem Jesus e ao seu Projecto político maiêutico, traíram-no e entregaram-no, para que fosse crucificado. E, em seu lugar, correram logo a criar o judeo-cristianismo que passou a cristianismo, simplesmente, quando o imperador Constantino o converteu na religião única do Império de Roma e mandou que fosse escrito um Credo, aprovado e imposto por ele, o mesmo que ainda hoje é proclamado em todas as missas de domingo do cristianismo católico romano e é aceite por todas as igrejas cristãs!!!

A Latino-americana mundial 2014 vem recheada de Textos assinados por nomes sonantes do universo latino-americano, na sua maioria, teólogas, teólogos da libertação. Abunda também em dados e em análises científicas da sociedade continental e global. E está atravessada por nomes de inúmeros mártires, tombados ao longo dos últimos

anos, com destaque para os latino-americanos. É, por isso, uma Agenda única no seu gênero, em todo o mundo. Explica bem este tipo de mundo em que nascemos e em que estamos condenados a ter de viver. Um tipo de mundo que mais não é do que uma planetária fábrica de produção de pobres e de pobreza em massa, de vítimas humanas aos bilhões, e de ricos cada vez mais ricos, os carrascos ou algozes do nosso tempo. Quem a faz e nela participa, pode ter, e tem, com certeza, uma manifesta opção intelectual/espiritual pelos pobres. Mas a verdade é que não são eles os pobres. São intelectuais que estão bem na vida e que, em última instância, contribuem, à sua medida, porventura, inconscientemente, para manter este tipo de mundo. Por isso, explicam-no, mas não o transformam. Porque só mesmo as vítimas têm o condão de transformar o mundo. E não o fazem, enquanto permanecerem reféns da ideologia/idolatria do cristianismo de Paulo-Pedro-Constantino-Papa Francisco, porventura, a mais perversa de todas as ideologias, porquanto é intrinsecamente demoníaca, perversa, compulsivamente mentirosa e assassina. E faz referência a um deus falso, que é o Dinheiro/Poder financeiro global, mas que, graças ao cristianismo, se faz passar por o único deus verdadeiro, vestido de religioso e de ateísmo, conforme os gostos e as conveniências. Na Latino-américa, veste maioritariamente de religioso; na Europa, veste cada vez mais de ateu ou, pior ainda, de indiferente. Como se já tivéssemos desistido da nossa condição de seres humanos, para sermos simplesmente coisas, mercadorias, robots.

A grande tragédia é que nem a Latino-americana mundial 2014 se dá conta disto. E os intelectuais que a concebem e escrevem, teólogos, sociólogos, cientistas, filósofos, continuam no seu bem-bom, nas suas cátedras, não são orgânicos com as vítimas. Tão pouco, aceitam viver em deserto, por toda a vida, como Jesus, o camponês-artesão de Nazaré, o filho de Maria, viveu e vive. Agora, feito Ruah/Sopro maiêutico/Vento.

E não se vê, nesta edição 2014, que esteja no horizonte, uma mudança substantiva, aquele NASCER DE NOVO, DE FORA DO SISTEMA, de que fala Jesus, o de João (cf, a este propósito, Pe. Mário de Oliveira, *JESUS SEGUNDO JOÃO, o 4.º Evangelho traduzido e anotado como nunca o conhecemos*, Seda Publicações, Outubro 2013).

Para quem estiver interessado em adquirir esta Agenda 2014, em português do Brasil, ficam aqui os contactos: Email: [justpaz@dominicanos.org.br](mailto:justpaz@dominicanos.org.br); Skype: juspazopgyn; Fb: justpazbr E para conhecer toda a história da Agenda, site: [latinoamericana.org/digital](http://latinoamericana.org/digital)

---